

A VOZ de MELGAÇO

Proprietários: A. LUÍS VAZ • JÚLIO H. VAZ

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector: CARLOS NUNO VAZ

Redacção e Administração: Largo da Senhora-a-Branca, 105 — BRAGA ★ ANO XXXIII — N.º 651 — Melgaço, 1 de Janeiro de 1979 ★ QUINZENÁRIO ★ Preço: 5\$00

Carta para o Brasil

Meu Caro Amigo,
Sr. Joaquim Domingues...

Escrevo-lhe no Outono de aqui, e Primavera, do Brasil. Aqui, as folhas que vão amarelecendo, as águas que choram, as fontes que balbuciam saudade; aí, a Primavera da natureza e da vida, num País, «terra abençoada por Deus que se chama Brasil» como me escreve na sua carta de 28 de Agosto.

Nesta carta, em que me comunica o falecimento do meu primo Fernando, há saudade, amor e gratidão.

Gratidão: «Eu fui criado e educado pelo pai José Esteves Cabana desde a idade de 14 anos; foi um dos meus maiores amigos».

Neste tempo de ingratidão e de olvido intencional, as suas palavras são bálsamo, são esperança, são vida. É que a «ingratidão é moeda corrente» e esta ferrugem não tem lugar no seu coração.

Bem haja, Sr. Joaquim Domingues.

A sua carta trouxe-me à lembrança quadros vivos, que, agora já só o coração aprecia e saboreia!

Recordo o meu tio José Esteves, na Casa de Eiró, quando em férias, se deslocava a Portugal; recordo-o na casa de S. Julião, quando regressou a este País para a última viagem!...

Coração aberto, como todos os altos Senhores da Cabana, amigo fiel, apagando-se sempre, e presença comunicativa em qualquer circunstância da vida.

Recordou-o em sua carta e touchou-me o coração em homenagem à Casa da Cabana, que na nossa terra tanto se distinguiu por mérito próprio.

O meu caro Sr. Joaquim Domingues, agora radicado no Brasil, onde o coração paterno se desdobra como uma árvore florida e perfumada, veio a esta sua terra, neste Verão, no mês de Julho.

Não nos vimos. Vejo-o, no entanto, sempre que os meus olhos contemplam a igreja de S. Rita, em companhia de sua Esposa, que ali deixaram uma base forte para a obra que o padre Carlos erigiu.

As obras de Deus não dão honras humanas. Dão glória ao Senhor, dão trabalho aos construtores e benfeitores, e dão a alegria íntima de bem servir.

O meu Amigo está ali, em S. Rita, com toda a sua alma de português, de melgacense e de cristão. E do Céu o padre Carlos, certamente, que continua a estimar o Amigo e a pedir a Deus que favoreça o benfeitor de S. Rita.

Meu caro Sr. Joaquim Domingues.

Na sua visita à terra natal e à Mãe Pátria trouxe-me uma preciosidade, trabalhada engenhosamente.

(Continua na 4.ª página)

Rouças e Parada do Monte NA BOCA DO MUNDO...

«Jornal Novo de 9 de Dezembro passado, na secção «Diz o leitor» trouxe, assinado por José Augusto Meleiro, Coimbra, um comentário oportuno e actual, em que se fala de Rouças e Parada do Monte com verdade.

Eis a prosa de José Augusto Meleiro:

«Vou falar do Alto Minho, onde em certos lugares e freguesias não há luz eléctrica nem estrada.

Na verdade, alguns têm estrada, mas só de Verão, porque no Inverno, com as chuvas, ninguém pode passar.

Quando os habitantes desses remotos lugares pretendem ir vender o meio-alqueire de milho ou outros produtos, têm de ir a pé, pois transportes não existem.

Depois de uma semana de trabalho duro e por vezes de sol a sol, ainda têm que aguentar a caminhada para ir à feira. Realmente isto faz descer e, como se não bastasse, dir-lhes-ei que muitas crianças, para frequentarem a escola, caminham durante mais de uma hora, todos os dias.

Muitas vezes debaixo de chuvas e de frio.

Seria uma atitude a todos os títulos louvável que os responsáveis pela orientação do País se deslocassem ao Alto Minho.

Mas atenção, porque o Alto Minho não é apenas as vilas de Paredes de Coura, Arcos de Valdevez, Monção e Melgaço.

O Alto Minho é também, as freguesias de Rouças e de Parada do Monte, no concelho de Melgaço e que servem de exemplo para as maiores carências.

São essas freguesias e muitas outras onde habitam portugueses que bem precisam de ser tratados como tal...

É necessário que se respeite a Constituição.

José Augusto Meleiro
COIMBRA

A Actividade do P. Carlos Vista através da Correspondência

Numa das estadias na aldeia, pude vasculhar com vagar o espólio epistolar do P. Carlos à fim de seleccionar as cartas de maior interesse e que merecem ser arquivadas para uso familiar.

Cito ao acaso: uma de Afonso Henriques Antunes, de 9-6-60, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, de Lisboa, a informá-lo de que tinham chegado ao ministério elementos sobre o «caso do falecido José Maria Alves»... Pediu-lhe o favor de passar pelo Ministério a fim de ver em pormenor os referidos elementos.

Um cartão do Juiz de Direito António Rodrigues Lufinha, secretário do Conselho Superior Judiciário, a dizer-lhe que Oscar Augusto Marinho «acaba de ser nomeado copista do Tribunal de Vimioso».

Uma carta de Álvaro Ribeiro, de 27-9-58, da Junta da Emigração (Ministério do Interior), a informá-lo de que o «caso do sr. Constantino Pires, de Cavaleiro Alvo não fora atendido, em virtude de terem sido assinados apenas 100 contratos para França e o deste senhor ter de esperar pela vez.

Uma de Frederico Lopes, de 19-X-60, Versalhes, França, muito longa, a pô-lo ao corrente do caso do sr. José Alves. Resumindo: um

advogado francês saíra muito caro, sessenta a setenta mil francos, além das despesas de deslocação em 1.ª classe; quanto a ele ir tratar do caso do sr. José Alves, o problema é o mesmo. Sairá muito caro e explica porque...

Finalmente, — por esta vez... — uma carta de Armando Coelho Rodrigues a relatar-lhe, em pormenor, o que é feito dum melgacense, ido para o Norte de Moçambique durante a guerra colonial.

Achamo-la cheia de interesse e, por isso, a publicamos na íntegra. Antes, porém, gostaríamos de sublinhar duas coisas: o nível dos contactos do P. Carlos, nos ministérios e fora deles; a preocupação, com que trata de tudo. Lembra S. Paulo relativamente aos problemas dos cristãos do seu tempo: nenhum problema os afectava, a eles, que não afectasse, por igual o Apóstolo das Gentes.

Eis a carta:

Meconta, 29-2-72

Rev.do P. Carlos:

Com certeza que vai estranhar o facto de receber esta carta minha, creio até que vai dar

(Continua na 4.ª página)

Carta de Lisboa

UMA FACÇA DE DOIS GUMES

Até que ponto uma greve pode beneficiar os trabalhadores? Esta é uma pergunta que fazemos a nós mesmos.

Sempre ouvimos dizer que o direito à greve é uma conquista democrática. Até aqui, tudo correcto. Assistimos, há tempos, a

uma greve dos mineiros de carvão na Inglaterra. Recentemente, nos Estados Unidos, gerou-se um amplo movimento grevista que abrange a quase totalidade dos trabalhadores das minas deste país.

Em ambos os casos, após negociações entre os sindicatos, entidades patronais e governo, foi possível chegar-se a um acordo que satisfaz as partes em litígio. Foram aquilo a que poderemos chamar greves de ajustamento. O trabalhador produz mesmo. A empresa floresce e acumula lucros. É de inteira justiça que esses mesmos lucros sejam equitativamente divididos. Com equilíbrio. Com honestidade. Sem demagogias.

Que se passa, entretanto, com as greves que se desencadeiam a um ritmo acelerado neste pobre País?

A grande maioria delas visa fins políticos. Não é em vão que uma boa parte dos actuais dirigentes sindicais são, em regra, indivíduos altamente politizados, impregnados até à medula de demagogia partidária, totalmente alheia às realidades económico-financeiras do momento. A sua missão principal é «trabalhar as massas», fazendo promessas a esmo e invocando direitos absolutos e irreversíveis.

(Continua na 4.ª página)

Política Nacional

- NOVO GOVERNO
- A REFORMA AGRÁRIA
- LEI ELEITORAL

Meu caro António Dias

O novo governo presidido pelo Doutor Mota Pinto foi aprovado pela Assembleia da República. Votaram a favor do programa do Governo o Partido Social Democrata e o Centro Democrático Social; votou contra, o Partido Comunista e a U.D.P.; absteve-se de votar o Partido Socialista.

Temos, pois, Governo que quer governar.

Os comunistas atacaram, rijo e forte, o Governo, mas o Presidente de Ministros ensinou-os, pois disse aos comunistas que não tenham autoridade moral para falar.

O Partido Socialista, pela boca de Mário Soares, afirmou que era da «esquerda».

E veja o que se passou: Mário Soares dissera que este governo era desde o «25 de Abril» o mais à direita de quantos existiram.

Sendo o Partido Socialista da esquerda e o governo, segundo o mesmo Partido Socialista, o mais à direita de todos, absteve-se de votar, e votou contra o Governo anterior de Nobre da Costa!...

Em Portugal, os socialistas andam à luta dentro do Partido, e uma das causas foi a rejeição do Governo de Nobre da Costa.

Agora não quiseram agravar a crise... e absteram-se.

Imagine como isto anda neste País e com o Partido Socialista, que governou Portugal no 1.º e 2.º Governo Constitucional: aprovou a Lei Barreto, uma lei de Base da Reforma Agrária no Alentejo. O 2.º Governo Constitucional Socialista, que votou a lei, não a aplicou por combinação com os comunistas.

O Governo caiu, e surgiu um Governo de independentes — o

(Continua na 4.ª página)

SONETO

Aos portugueses, para quem o exílio é fruto de uma revolução injusta

Veio, a Maria, o Anjo anunciar
Que iria ser Mãe do Menino Jesus
Aquele que um dia, pregado na cruz
Expirava, em paz, para o Mundo salvar.

Lá do Alto, Deus Pai, lançou um olhar
A terra tremeu e no Céu brilhou luz
Oh! espanto do Mundo! O Cristo Jesus
Já ao lado do Pai se acabou de sentar!

Por amor do homem, isto suceder
Exemplo divino, é pra meditar
Por alguém que da Fé tudo não perdeu.

Que as festas deste ano, neste Santo Natal
Afoquem as dores e tod'o mal-estar
Deste Povo que sofre, hoje em Portugal.

LISBOA, 16-XII-78

BENIGNO DA CRUZ

Cartas para os meus Amigos

Desde o falecimento do Senhor Padre Carlos — Amigo que me viu nascer e que recordo com muito respeito e saudade — que deixei de escrever uma ou outra carta para a «Voz de Melgaço». E isso sucedeu porque, entretanto, a maior idade me avisou da falta de propensão para fazê-lo, acrescentando por outro lado a ausência de tempo e muitas vezes de paciência.

Mas as férias deste ano, passadas como sempre por Paderne - Crastos - Peso, permitiram-me granjear coragem para fazer esta carta contendo alguns problemas da minha Terra. Problemas que, com um pouco mais de imaginação e inteligência dos respectivos responsáveis, estariam muito mais atenuados.

Vemos rasgados por diversos lados caminhos-estradas: Peso - Crastos - Paderne - Longarilha, Sante - Rouças, etc... A respectiva concretização tardou muito, quase até à descrença. Mas os dinheiros dos nossos emigrantes - conterrâneos, as nossas contribuições, as desigualdades notórias entre o bem estar camponês e o facto de dispormos, até então, de caminhos vergonhosos e impraticáveis, tudo isto obrigou os governantes a dar-nos esse «caramelo» de atenção.

Porém, tal atenção, concretizada por forma apagada, representa, por agora, mais um malogro para todos nós na medida em que tudo quanto se fez não só ficou por acabar, mas também está pessimamente feito.

Na verdade, que interesse prático tem para as respectivas populações a estrada Alvaredo - Longarilha - Paderne, se de dez em dez metros é necessário sair do carro para procurar pedras e tapar os regos de rega que atravessam a faixa de rodagem à superfície?

Porque, aquando da construção, se não colocaram tubos ou estruturas adequadas em vez de se colocarem — como se colocaram — finos e vulgares tubos de cimento sem resistência tecnicamente aconselhável para o trânsito normal das referidas vias?

Porque, diagnosticado esse erro — que aliás é do conhecimento geral — se insistiu nele na estrada do Peso - Crastos - Paderne e noutras?

Tais situações, que não têm qualquer justificação séria, representam esbanjamento de dinheiros públicos que a ninguém aproveita.

Acresce que em cada lugar deveria haver um pequeno parque de estacionamento que, a par da utilidade que lhe é própria, serviria para executar a inversão de marcha. Nalguns casos também não houve a preocupação de projectar e executar em condições as estradas para os prédios rústicos e respectiva condução de águas de rega. Trata-se também de um erro que não tem razão de ser já que as expropriações deviam tê-lo previsto atempadamente.

Amigos Conterrâneos: o único lucro prático auferido da democracia é o de podermos falar sem medo e o de podermos participar em tudo quanto diga respeito à colectividade.

No caso concreto das vias de comunicação é necessário que, em cada lugar, se constituam os moradores em grupo, em associações ou comissões, a fim de que, em representação dos seus habitantes, exijam em Assembleia de Freguesia, das Juntas de Freguesia e da Câmara Municipal, aquilo a que têm direito, e isto

porque já é tempo de acabar em todos os lados com o desleixo, com a incompetência e com o oportunismo.

Frisai este exemplo: é ou não verdade que, com pouco dinheiro, alguma inteligência e boa vontade, se resolveria a maior parte dos problemas aqui apontados?

Amigo, é assim não é? Então tens que fazer política, tens que participar, tens que por de parte os interesses individuais e ajudar a atacar e resolver os problemas colectivos.

Amigo, não importa que não saibas ler. E não importa porque em qualquer circunstância é sempre um voto, um Homem.

Almada - Novembro de 1978.

Anselmo Manuel Fernandes

Oração de um soldado russo

A revista «Esprit et Vie» inseriu em 29 de Setembro do ano passado a seguinte oração de um soldado russo morto na Segunda Guerra Mundial, de 1939-1945:

«Ouve-me, meu Deus! Nunca te falei na minha vida, mas hoje quero saudar-te. Sabes que desde a minha mais tenra infância me disseram que tu não existias, e eu fui tão parvo que o acreditei. Nunca tomei consciência da beleza da criação.

Hoje, porém, de repente, ao ver os longes da imensidade, este céu estrelado sobre mim, abrem-se os meus olhos. Maravilhado, compreendia a luz. Como é que foi possível ter-me enganado tão cruelmente! Não sei, Senhor, se tu me estendes a mão, mas eu confio-te este milagre, e tu compreenderás: no fundo deste terrível inferno, brilhou a luz em mim, e eu vi-te. Não te direi mais nada, somente o prazer de te conhecer.

A meia-noite devemos lançá-los ao ataque, mas eu não tenho medo, pois tu nos vês. Ouve! Aí está o sinal. Que fazer? Eu sentia-me tão bem contigo. Ainda Te quero dizer: Tu sabes que o combate vai ser duro. Talvez que esta noite te vá bater à porta. Apesar de nunca ter sido Teu amigo, permitir-me-ás tu entrada, quando eu chegar? Mas eu não choro. Tu vês o que me está a acontecer, os meus olhos abriram-se. Perdoo-me, meu Deus. Eu parto e certamente não voltarei mais; e eis o milagre: já não tenho medo da morte.

Espelhos e Cristais
Vidros para Janelas
Automóveis e Estabelecimentos
—
TELHAS e TIJOLOS DE VIDRO
—
Sociedade de Cristais, Lda
Rua do Almada, 26 - PORTO - Tel. 911057

Vende-se

Lotes de terreno destinados a construção urbana no lugar de Galvão de Baixo - VILA, confinantes com o caminho público. Aceitam-se propostas. Falar telefone 22125, Valença.

A descentralização dos serviços do M.A.P.

Pelo Decreto-Lei n.º 221/77 de 27 de Maio e Decreto Regulamentar 78/77 de 25 de Novembro, foram descentralizados os Serviços do M.A.P. e criadas as Direcções regionais cabendo-lhes, entre outras funções, a de «Motivar os agricultores para a análise e discussão dos seus problemas, apoiar as suas organizações com vista a estudar as soluções, planear e executar as acções necessárias ao seu desenvolvimento» (art. 39, alínea f) e «Proporcionar aos agricultores os conhecimentos disponíveis e as inovações técnicas, económicas e sociais e as normas de actuação melhor adaptadas ao fomento da produção e ao desenvolvimento da exploração agrícola no âmbito da política agrária estabelecida pelo Ministério da Agricultura e Pescas» (art. 39, alínea h).

Como se pode ver só estas duas alíneas são um mundo de boas intenções e muitas dores de cabeça devem dar aos responsáveis. No entanto, o tempo foi passando e como é natural, os técnicos das Direcções regionais já devem ter elaborado os seus planos e saber quais as acções prioritárias a empreender e as culturas em que devem incidir os seus esforços para, rapidamente, se modificar o panorama agrícola da região de que são responsáveis.

Como não é possível os técnicos actuarem sem a colaboração dos agricultores e estes só darão a sua colaboração se souberem os objectivos que se pretendem atingir e estiverem mentalizados para introduzirem as modificações necessárias nas suas práticas culturais, há a necessidade de divulgar os planos considerados e indicar as suas implicações e os resultados que se esperam obter, através de reuniões com agricultores e da imprensa regional. Assim, julgamos que seria de toda a utilidade que o Director regional, ou quem o representasse, dissesse, em pequenos artigos, o quê e o como das acções a empreender em 1979 e, ao longo do ano, fosse indicando a maneira como as mesmas se estavam a processar, descrevendo as dificuldades encontradas e os resultados obtidos.

Só assim será possível fazer acreditar a quem está ligado às coisas do campo, que algo mudou no panorama da agricultura portuguesa e que a descentralização dos serviços do M.A.P. trouxe vantagens para a recuperação da economia do País.

B. M.

Amaden da Glória de Jesus

Foi colocado no Quartel Geral da Madeira, na ilha do Funchal, o nosso conterrâneo e distinto colaborador de «A Voz de Melgaço» o sr. Amadeu da Glória de Jesus, Sargento-Chefe. Desejamos-lhe muitas felicidades, e que breve regresso a Metrópole.

Vende-se

Casa composta por 1/çhão e 1.º andar com rócios. Ótima localização para comércio. Tratar pelo telef. 56172, em Pinheiros - Monção.

É necessário proteger o Agricultor

O cidadão quer comer barato e tem razão, que os vencimentos mal chegam para as outras despesas.

Os governantes, seguindo o exemplo dos imperadores romanos que, com pão e jogos, mantinham o povo calmo, querem que o cidadão coma barato. Está certo, desde que não seja o agricultor a pagar a comida barata dos que a não produzem.

Tem que haver uma justiça social para aqueles que à terra dedicam todo o seu esforço. Há que pagar ao agricultor os preços que lhe permitam ter um nível de vida semelhante ao dos restantes trabalhadores. Não é moral que um trabalhador agrícola receba um salário igual a metade de um trabalhador fabril e que o agricultor, suportando todos os riscos, como empresário que é nem esse salário consigo, muitas vezes, contabilizar.

Há que modificar este estado de coisas, o que só é possível por um aumento das produções unitárias e, ou, por uma melhor valorização dos produtos agrícolas, no produtor.

Compete aos Serviços Agrícolas Regionais a obrigação de ajudarem o agricultor a produzir mais e melhor e a alertar o Governo para a necessidade de dar, a quem produz, condições económicas e técnicas para que possa desempenhar bem a sua função.

Os interesses legítimos de quem produz não podem ser menosprezados a favor de quem consome.

Que os governantes encarem a sério e com vontade de resolver a situação crítica dos 800 mil portugueses que continuam a lutar, a sofrer e a esperar que para eles olhem, não como enteado, mas como filhos que são deste velho Portugal.

B. M.

Dr. Oliveiros Rodrigues
ADVOGADO
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Hilário Rodrigues

Após 8 anos de serviço na Guarda Fiscal, nos Açores, regressou, a seu pedido, ao Continente o nosso prezado amigo e assinante, Hilário José Augusto Rodrigues, Sargento.

Veio acompanhado da Esposa, Filha e Mãe. A Mãe que em 14 de Dezembro fez 86 anos, bem como a Maria Olinda, que fez o Propedêutico no ano lectivo que findou, os nossos parabéns, com votos para toda a família das maiores felicidades.

O sargento Hilário foi colocado em Lisboa, onde tencionava demorar até que a filha termine o curso académico.

Boas Festas

Enviou-no-las a Direcção da Associação de Futebol de Viana, a Caixa Geral de Depósitos e a Delegação de Monção da Liga dos Combatentes.

Gratos pela gentileza.

Sr. COMERCIANTE:

Deseja ver os seus artigos a ser rapidamente vendidos? Anuncie desde já em

«A VOZ DE MELGAÇO»

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO
SOLICITADOR
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Ajudar os nossos Bombeiros, é uma obrigação de todos os bons Melgaçenses. Se ainda não é Sócio da Associação, inscreva-se já

Vinho do Porto **BARROS**

De todos
O
mais saboroso

REGIST. BRAND
BARROS
ALMEIDA
OPORTO

De todos
O
mais preferido

Lágrima Christi **BARROS**
em França o mais apreciado

COMPRE AGORA E PAGUE EM 12 MESES

Móveis Castelo

RAMIRO DE LIMÁ A. CERQUEIRA
RUA DAS ESCOLAS — Telefone, 42695 — MELGAÇO

Móveis Século XVII — Nórdicas — (Móveis avulso)
Colchões de molas e espuma SUNDLITE — Divãs articulados — Candeeiros — Alcatifas — Tapeçarias, etc.
(ASSISTÊNCIA PERMANENTE)

Carta para o Brasil

Meu Caro Amigo, Sr. Joaquim Domingues..

(Continuação da 1.ª página)

samente e magistralmente pelo seu amigo Francisco Corrêa de Albuquerque, poeta.

Poesia é alma, emoção, amor e sonho.

Em «setenta anos» do poeta Francisco Corrêa de Albuquerque, detenho-me, enviando-lhe dois grandes abraços — um para si e outro para o Poeta — a recitar «Lembranças»:

Manhã de outono, fria, nevoenta, O tic-tac do relógio aumenta O silêncio que há na minha sala. Tenho a impressão de que o silêncio [falta,

Coisas imprecisas vão se desenhando A medida que o silêncio vai falando. Cenças que interpretar eu não consigo. Qualquer coisa de vago está comigo.

Do fundo dalma sofrida, Até então reprimida, Uma lágrima vem, Silenciosa caí. São saudades, Saudades de minha mãe, Saudades de meu pai.

Novembro, de 1978

Júlio Vaz

P. S. Meu caro Amigo,

O Jornal é pequeno em tamanho, mas a alma é muito grande. Vai esta carta atrasada por não haver espaço a fim de a publicar quando a escreveri.

Este P. S. leva-lhe, a Si, aos Seus e ao Poeta, os votos sinceros de feliz Ano Novo.

J. V.

A Actividade do P. Carlos Vista através da Correspondência

(Continuação da 1.ª página)

volitas à cabeça para me identificar, no entanto eu vou já dizer-lhe quem sou: sou o filho mais velho do Zé Souzullo de S. Gregório e estou em Moçambique como professor primário. O motivo porque lhe escrevo é o seguinte:

O P. Lima, filho de Sr. Lima de Chaviães, que está no Mutuali, escreveu-me ontem e dizia-me que V. R.cia lhe pedira para se informar do estado de saúde do Manuel José Rodrigues, que estava internado no Hospital Militar em Nampula.

Como o Mutuali fica a cerca de 300 quilómetros de Nampula e o trânsito é muito difícil nesta época de chuvas, escreveu-me para que eu o fizesse por ele.

Ontem mesmo me puz a caminho de Nampula, 75 Km, para saber do que se passava e confesso que ia um pouco preocupado, aliás o caso não seria para menos, no entanto essa preocupação passou logo que eu cheguei ao Hospital e o prozerei disse-ram-me que tinha saído para a cidade, só estaria no Hospital por volta das cinco da tarde, portanto, se pode passar, não está muito doente, entretanto deixei-lhe um bilhete na cama dele para que, quando chegass, soubesse que eu tinha estado lá e que voltaria, por isso que não saísse.

Voltei por volta das cinco, encontrei-o, bem disposto, e com bom aspecto, portanto não há motivo para preocupações desnecessárias. Estivemos a conversar durante mais de uma hora, o assunto da conversa facilmente se adivinha, «Melgaço e as suas gentes», foram umas horas de saúde, em que passamos em revista aqueles que mais nos são queridos.

Acredito, sr. Padre, que esou a falar-lhe com toda a franqueza e que o moço está mesmo bem, aliás não seria difícil acreditar que se ele estivesse mal eu lho diria até para preparar os pais, mas tal não acontece, o que ele fez foi o que fazem todos os militares do «mato»: arranjam uma doença, escolhida no catálogo de doenças, para fugir um

pouco da «zona quente», aliás o Melleiro ainda se deve lembrar destes «golpes» da «maltaz».

Penso voltar a Nampula, se não antes, no dia nove e visitá-lo-ei de novo até porque é nessa altura que vamos combinar para virem passar um fim de semana a «minha» casa, ele, o Reis, que é da Carpinteira, e o Pereira, que é neto do sr. António dos Impositos. Vai ser um fim de semana em que as orelhas dessa gente de Melgaço vão arder que não vai ser brincadeira, pois vamos falar em todos.

E pronto, sr. Padre, creio que dei conta do recado; podem ficar portanto tranquilos que ele não tem nada, antes porém, não quero deixar de me pôr à inteira disposição de V. R.cia ou de qualquer outra pessoa de Melgaço que venha a precisar dos meus modestos serviços.

Resta despedir-me, ainda vou ver se escrevo ao Prof. Rodrigues para seguir hoje, com um grande abraço e votos de boa saúde para si e para todos do amigo as ordens.

Manuel José Rodrigues

Passa-se

Penção Restaurante «Flor do Minho» Rés do chão, com amplo salão para banquetes e casamentos, dois andares com quartos e ainda local próprio para petisqueira e esplanada.

Informa o proprietário:

António Caldas Rua Velha, tel. 42340-Melgaço

Vendem-se EM LISBOA

Apartamentos diversos desde 450 contos, na Rua Antero de Quental.

Vivenda na Rua António Luís, Igácio — Bom preço.

Informa em Melgaço: Manuel José Esteves, telefe: 42273

Em Lisboa: Telefone: 561437

Política Nacional

(Continuação da 1.ª página)

de Nobre da Costa — que aplicou logo a Reforma Agrária.

Logo o Partido Socialista combateu o Governo, dizendo que não era pela repressão, mas pelo diálogo que a Lei se aplicava. Ora não houve repressão. Os comunistas e socialistas é que não quiseram o diálogo do Governo de Nobre da Costa.

Sabe, António, o que aconteceu?

Houve, ali na cidade de Viana uma reunião dos socialistas deste Distrito, Distrito a que nós pertencemos, que condenaram a acção de Nobre da Costa no Alentejo.

Para compreender bem estes factos, vou concretizá-los na nossa terra.

Conhece as duas lindas quintas que há à saída de Melgaço: a de Fernandes Pinto, na saída para S. Gregório; e a do Fecho, à saída para Castro Laboreiro. Esta pertence ao Presidente da Câmara de Melgaço e família; a primeira, aos filhos do Dr. Fernandes Pinto.

Imagine que depois do «25 de Abril» faziam aqui como fizeram no Alentejo: que ocupavam as quintas, e os legítimos proprietários, que viviam delas, fiavam na miséria, como aconteceu no Alentejo.

Agora pense, que se publicava uma lei, aliás justa, necessária e urgente, para entregar as quintas aos seus legítimos donos. Foi o que aconteceu no Alentejo.

Os donos estavam roubados, e na miséria.

Os socialistas e comunistas sem se preocuparem com a fome e a miséria dos legítimos donos, e sem lhes pagarem o que lhes roubaram, em vez de apressarem a entrega das quintas aos do-

nos, queriam que a Autoridade conversasse com os ocupantes — os ladrões — para que estes lhes entregassem o que lhe deviam...

Foi assim que andou Portugal enquanto foi governado pelos Socialistas.

Nobre da Costa já começou a por as coisas nos eixos. E Mota Pinto, Presidente do actual Governo, prometeu, quanto à eficiência, copiar e continuar Nobre da Costa. Sendo assim, algo está a mudar em Portugal para melhor.

Se assim acontecer, dir-to-ei na próxima carta. E também te falarei da Lei Eleitoral, que terá de ser revista antes de ser publicada, até porque não respeitava os emigrantes, como a Constituição manda.

Júlio Vaz

Exposição de Pintura

A Fundação Eng. António de Almeida, do Porto, que à cultura dedica cuidados exemplares organizou as seguintes exposições de pintura para Dezembro, que estiveram abertas ao público das 14.30 horas às 18.30:

Albuquerque Mendes

João Dixão

Armando Azevedo

Com o mesmo horário de visitas e com as datas que a seguir se indicam, para a sua inauguração neste mês de Janeiro haverá as seguintes exposições de pintura:

Gerardo Burmester — 5 de Janeiro de 1979.

Fernando Pinto Coelho — 12 de Janeiro de 1979.

Grupo Puzzie — 19 de Janeiro de 1979.

Carta de Lisboa

UMA FACA DE DOIS GUMES

(Continuação da 1.ª página)

E claro que todo este «canto da serçia» atrai adeptos, criando mesmo, à custa de tanta repetição, foros de veracidade.

A realidade, porém, é bem diferente. Uma grande parte das empresas estatizadas ou intervencionadas sobrevive graças aos subsídios do Estado, que, como é óbvio, não podem durar indefinidamente. E é curioso notar que é nestas empresas onde o alarido reivindicativo soa sempre com mais força. A bandeira a agitar é a da justiça social. A finalidade é a greve. Quando esta resulta é fundamental que se comece logo a pensar na seguinte. Porque a agitação, as reivindicações, as exigências não podem parar.

A verdadeira extensão desta «luta» por melhores condições de vida — e se possível menos trabalho —, só é olhada (e pensada) em toda a sua dimensão quando a empresa abre falência por falta de recursos que lhe permitam suportar as despesas ou quando se dá a desintervenção do Estado.

Só então, quando já é tarde demais, é que o nosso trabalhador começa a pensar seriamente no bécó sem saída em que se encontra metido, ou, mais propriamente, em que o meteram. Só então verifica, com um misto de tristeza e revolta, que foi enganado.

E que a greve pode ser, afinal, uma faca de dois gumes.

Lisboa, 4 de Dezembro de 1978

Zé do Rio Minho

Casa Nutri-Lar (Edificio CASA DO POVO) MELGAÇO. Plantas medicinais — Produtos dietéticos — Alimentação racional. Perfumaria — Cosméticos — Manufacturas de verga. Especialidades: Louças finas (Vista Alegre, Alcobça e Sacavém) Cutelarias modernas. Representante dos afamados lotes de Cafés de «A MINHOTINHA» Artesanato — Decoração — Utilidades — Fino gosto

Pensão Residencial «PEMBA», Largo da Calçada — Tel. 42555 — Melgaço. Com sala própria para casamentos, baptizados e copos d'água. Excelente cozinha e vinhos da região. No seu próprio interesse, CONSULTE-NOS.

Tintas e Vernizes. Em BRAGA procure na DROGARIA DO MERCADO. Preços de revenda. Qualidades garantidas. Agentes dos produtos Agrícolas SAPEC, para tratamento de Pomares. Praça Comércio, 71 — Tel. 24937 (Junto ao Mercado)

António Duarte EMPREITEIRO VINHA DE CIMA — ROUÇAS. Estando perfeitamente legalizado, encarrega-se da construção de casas e de outras empreitadas. Os preços são verdadeiramente competitivos. Trabalho realizado com segurança e perfeição. CONTACTE-NOS, E DEPOIS JÁ VERÁ!

«A VOZ DE MELGAÇO», Anual: 100\$00 — Tip. Augusto Costa & C., Lda - Braga — Estrangiero: 220800 — Avião: 270\$00 1 JANEIRO 1979